

Valha-nos o género discursivo: uma reflexão sobre classificação textual¹

Davor Gvozdić

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade de Zagreb
dgvozdic@ffzg.hr

UDK: 81'42
stručni rad
<https://doi.org/10.17234/9789531758819.19>

O propósito do presente estudo é exemplificar como o conhecimento explícito da área científica da Linguística Textual se pode aplicar à análise do *corpus* linguístico com o fim de preparar o intérprete para a realização da interpretação simultânea e/ou consecutiva. Operacionalizando a proposta de propriedades definidoras dos géneros discursivos de Maingueneau (1998), procuramos definir critérios para a seleção do material linguístico, reunindo de seguida um *corpus* de textos produzidos pelo atual Presidente da República Portuguesa que satisfazem os critérios estabelecidos. Aplicando os critérios definidores dos géneros discursivos elaborados por Adam (2001) à análise textual, pretendemos atestar regularidades que permitem associar os textos analisados a uma determinada classe de género discursivo, demonstrando como a análise realizada contribui para uma sólida preparação do intérprete.

Palavras-chave: texto, análise textual, classificação textual, tipo de discurso, género discursivo

1. Introdução

As linhas que se seguem foram motivadas por uma experiência do autor do presente texto na interpretação consecutiva por ocasião de um encontro diplomático entre dois chefes de Estado. Na verdade, para sermos mais precisos, foi o momento anterior à realização da interpretação consecutiva, o período de preparação para o exercício de interpretação, que deu origem à reflexão que se irá apresentar ao longo deste texto.

Há muitas diferenças entre a tradução escrita e a interpretação de conferências.² Importa, todavia, neste ponto, salientar a seguinte: diferente-

¹ O presente trabalho foi parcialmente elaborado no âmbito do seminário de *Linguística Textual: Aspectos de Sintaxe, Semântica e Pragmática do Português* lecionado pelo Professor Doutor Paulo Nunes da Silva, professor auxiliar da Universidade Aberta, a quem agradeço as sugestões, os comentários e a orientação científica.

² No presente artigo faz-se a distinção entre *tradução* e *interpretação*, referindo-se o primeiro conceito à tradução escrita de obras literárias e de diversos tipos de documentos escritos, e relacionando-se o último com a tradução oral, isto é, com a interpretação simultânea e a interpretação consecutiva. Por conseguinte, reserva-se o termo *tradutor*

mente do que acontece na tradução escrita, no momento em que exerce a interpretação simultânea ou a interpretação consecutiva, o intérprete não pode recorrer a glossários ou dicionários para transferir o sentido de uma língua para a outra. É, portanto, crucial, para um intérprete, o processo de preparação, ou seja, o período que precede a própria interpretação. Nesse período, conforme as sugestões da Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência³ e da Associação Croata de Intérpretes de Conferência⁴, convém que o orador disponibilize ao intérprete o esboço da comunicação ou a comunicação integral, se esta for elaborada com antecedência, bem como toda a terminologia e/ou documentação que possa facilitar a interpretação. Todavia, de vez em quando, acontece que o orador ou os responsáveis pela organização de uma conferência ignoram a sabedoria popular contida no provérbio “Conselho de amigo, aviso do céu”, obrigando, deste modo, o intérprete a procurar outras fontes que o possam ajudar a preparar-se para a exigente tarefa de interpretação.

Quais são, então, essas fontes alternativas que os intérpretes podem utilizar com o intuito de se tornarem aptos ao desempenho da interpretação consecutiva? O propósito do presente estudo é, precisamente, apresentar uma possível resposta à questão colocada. Mais concretamente, irá exemplificar-se como o conhecimento explícito da área científica da Linguística se pode aplicar à análise de um *corpus* linguístico com o fim de preparar o intérprete para a realização da interpretação simultânea e/ou consecutiva. Numa primeira fase do trabalho, abordamos a problemática da classificação textual e apresentamos duas propostas de critérios definidores do género discursivo, a primeira elaborada por Maingueneau (1998) e a segunda por Adam (2001). Na etapa seguinte, baseando-nos na proposta de Maingueneau, iremos definir critérios para a seleção do material linguístico e proceder à constituição de um *corpus* linguístico, reunindo nele alguns dos textos produzidos pelo atual Presidente da República Portuguesa que satisfazem os critérios estabelecidos. De seguida, operacionalizando a proposta de Adam, iremos realizar uma análise textual com o propósito de identificar regularidades que permitam associar os textos que integram o nosso *corpus* a um determinado género textual. Na parte final, apresenta-se uma reflexão sobre o modo como a análise realizada contribui para uma sólida preparação do intérprete.

para o profissional que exerce a tradução, enquanto *intérprete* designa aquele cujo percurso profissional está ligado à interpretação de conferência.

³ <http://www.apic.org.pt/>

⁴ <https://www.hdkp.hr/hr/>

2. Classificar textos

A definição de *texto* como um todo dotado de sentido ou como produto verbal, coeso e coerente, que se manifesta tanto na oralidade como na escrita e que representa o resultado ora do uso individual da língua, ora da atividade colaborativa de vários locutores (Duarte 2003: 87) deixa transparecer a complexidade do estudo deste fenómeno linguístico. De facto, para que um produto verbal seja identificado como um texto, isto é, como uma unidade de sentido, não basta que cumpra apenas um critério. Veja-se o seguinte exemplo:

(1) *Pranjic tem um bom pé esquerdo e é um grande reforço para o Sporting.*

A interpretação do sentido do fragmento textual (1) não apresenta qualquer dúvida, especialmente para um adepto do futebol: o autor do enunciado (1) refere-se a um jogador de futebol que joga predominantemente na lateral esquerda e que, jogando com o seu pé esquerdo, demonstra bons resultados no campo de futebol. Todavia, não é provável que este significado se encontre num dicionário. Se, por exemplo, um aprendente de português como língua não materna, que não tenha interesse algum nesta modalidade desportiva, quiser decifrar o sentido de (1), deve realizar uma pequena investigação: procurar o que é o Sporting, quem é Pranjic e com que pé é que ele joga preferencialmente. Conjugando o material linguístico que se manifesta na superfície textual com o conhecimento extralinguístico, esse aprendente poderá inferir o significado de (1) e, deste modo, reconhecer o exemplo (1) como um enunciado coerente. De facto, como Lopes e Carapinha (2013:108) afirmam, a coerência “não é uma propriedade formal dos textos, mas antes o **resultado do processo interpretativo**” em que intervêm outros fatores como a interação do significado linguístico expresso na superfície textual com o nosso saber acerca do mundo ou com o conhecimento que temos sobre as informações contextuais (*ibidem*, 103-109).

Importa, neste ponto, referir que a expressão metonímica ‘*ter um bom pé esquerdo*’ ocorre em artigos, entrevistas e reportagens publicadas em jornais ou revistas desportivas, referindo-se sempre ao jogador (i) canhoto que (ii) consegue bons resultados jogando com o pé esquerdo. É plausível, portanto, afirmar que o sentido desta expressão foi fixado, parcialmente⁵,

⁵ A expressão em análise é utilizada não apenas pelos jornalistas ou comentadores de desporto mas também pelos jogadores de futebol, treinadores, etc.; daí que consideramos pertinente utilizar o advérbio ‘parcialmente’ para não induzir uma leitura errada e relacionando o emprego desta expressão apenas com os que desempenham a atividade profissional na área do jornalismo.

através do seu uso pelos indivíduos que desempenham a sua atividade profissional na área do jornalismo desportivo. Do ponto de vista prático, significa isto que, ao ler ou ouvir textos jornalísticos relacionados com o futebol, iremos aprender não apenas o significado de diferentes expressões, mas também quando as empregar e, assim, garantir a coerência dos textos que produzimos.

Ora, a expressão '*ter um bom pé esquerdo*' com o significado de "jogador canhoto que atinge bons resultados" integra tipicamente notícias, reportagens, transmissões televisivas de partidas de futebol que, por sua vez, se incluem no âmbito do discurso jornalístico desportivo. Nesta última frase, manifestam-se designações resultantes de diferentes classificações textuais – a que diz respeito à classificação de géneros (notícias, reportagens) e a que se refere à classificação de tipos de discurso (discurso jornalístico).

A classificação de tipos de discurso é um exemplo das classificações intermédias. Trata-se de uma classificação que tem por base o conceito de *formação sociodiscursiva* (Adam 2001:28; Silva 2015: 9-13). O termo *formação sociodiscursiva* designa um grupo de indivíduos que desempenham o seu papel socioprofissional numa mesma área de atividade e que, no ato desse mesmo desempenho, produzem textos socialmente relevantes (Silva 2015:11). Assim, o Presidente da República Portuguesa, no momento em que desempenha o seu papel socioprofissional, produz textos que se podem integrar tanto no discurso de tipo político como no discurso de tipo diplomático visto que lhe cabe representar a República Portuguesa, quer no território português, quer no estrangeiro.

Cada indivíduo que integra uma determinada formação sociodiscursiva tem à sua disposição diferentes géneros discursivos. A classificação em géneros representa um exemplo de classificação heterogénea (Silva, 2015: 13-16). Significa isto que, na identificação de um dado género, entram vários critérios de caráter diversificado. A pergunta que aqui se coloca é: quais são as propriedades que permitem identificar o género em que um dado texto se inscreve?

Maingueneau (1998:50-54) formula cinco critérios definidores dos géneros discursivos: a finalidade do texto, isto é, o objetivo que o locutor pretende atingir com o texto produzido, o estatuto dos interlocutores, o tempo e o espaço em que os textos são produzidos, o suporte material e a organização textual. Tal como Silva nota (2015: 22), os critérios que dizem respeito à finalidade, ao estatuto dos interlocutores e ao tempo e espaço centram-se nas propriedades externas que condicionam a produção do texto, isto é, nos fatores que se podem designar como situacionais.

Adam (2001: 40-41), por sua vez, apresenta uma proposta de sistematização das propriedades definidoras dos géneros explicitando com o maior detalhe os fatores internos ao texto. O autor distingue oito componentes que integram os critérios necessários para a identificação dos géneros: a componente enunciativa, a componente pragmática, a componente composicional, a componente semântica, a componente estilístico-fraseológica, a componente material, a componente peritextual e a componente metatextual.⁶

Na componente enunciativa e na componente pragmática, inscrevem-se critérios externos ao texto (Silva 2015: 22). Assim, a componente enunciativa diz respeito à formação sociodiscursiva em que se integram os interlocutores, enquanto a componente pragmática se relaciona com os objetivos que subjazem à produção dos textos por parte dos interlocutores.

As restantes componentes integram os critérios internos ao texto (*ibidem*). A componente composicional diz respeito ao modo de estruturação de um dado texto. Os critérios referentes ao tema abordado e à questão da veracidade do tema abordado inscrevem-se na componente semântica. A componente estilístico-fraseológica, por sua vez, aponta para fatores como o estilo, a escolha dos itens lexicais ou a construção sintática. Quanto à componente material, o autor remete para o suporte em que os textos se manifestam (na oralidade ou na escrita), bem como para os meios em que os textos circulam. A componente metatextual relaciona-se com a ocorrência, no texto, de reflexões ou de autorreferências que tenham por objeto o género em que esse mesmo texto se inscreve. Por fim, a componente peritextual diz respeito aos modos como se assinalam os limites do texto.

Ambas as propostas de propriedades definidoras dos géneros textuais representam ferramentas úteis a um intérprete. Por um lado, as componentes elaboradas por Maingueneau, especialmente as que dizem respeito aos fatores situacionais, podem empregar-se na definição dos critérios para a seleção do material linguístico a ser estudado no processo de preparação para a tarefa de interpretação. Por outro lado, a sistematização das propriedades definidoras do género textual formulada por Adam permite uma análise pormenorizada dos fatores internos ao texto, isto é, um conhecimento aprofundado dos meios linguísticos utilizados na estruturação dos textos.

Assim, nas secções que se seguem, iremos apresentar a nossa proposta de operacionalização dos modelos teóricos acima apresentados: recorren-

⁶ Foi adotada, no presente trabalho, a tradução dos critérios de identificação do género discursivo realizada por Silva (2015: 22-23).

do ao modelo de Maingueneau, iremos definir critérios de seleção do material linguístico; utilizando a proposta de Adam, procederemos à análise textual do material reunido em nosso corpus.

3. Constituição do *corpus* e transcrição ortográfica

Recorrendo à proposta de Maingueneau (1998) das propriedades definidoras dos géneros textuais, foram elaborados os seguintes critérios para a seleção do material linguístico:

- 1) são pertinentes os produtos verbais realizados no momento em que o Presidente da República Portuguesa se encontra no pleno exercício dos poderes e das competências conferidas pela *Constituição da República Portuguesa* a um Chefe do Estado Português, ou seja, no momento em que o Presidente, tal como se define no Artigo 120º do referido diploma⁷, “representa a República Portuguesa, garante a independência nacional [e] a unidade do Estado”;
- 2) são pertinentes os produtos verbais realizados pelo atual Presidente da República Portuguesa perante os seus homólogos;
- 3) são pertinentes os produtos verbais realizados pelo atual Presidente da República Portuguesa no território nacional português;
- 4) são pertinentes os produtos verbais realizados pelo atual Presidente da República Portuguesa em conferência de imprensa dada após duas reuniões, uma a sós com o seu homólogo e outra com o seu homólogo e as respetivas delegações.

O primeiro e o segundo critério relacionam-se com o estatuto dos interlocutores. Tal como Maingueneau afirma (1998: 52), a cada estatuto associam-se determinados direitos, deveres e competências, que condicionam a produção verbal do locutor. Quando investido do seu papel de representante político-diplomático do seu país, um Chefe de Estado emprega certos meios linguísticos para formular textos. Todavia, este mesmo titular do mais alto cargo político-diplomático de um país, assumindo o papel social de marido numa conversa íntima com a sua esposa, não vai produzir textos iguais aos realizados enquanto Presidente da República. Por outras palavras, o estatuto social é mutável: durante as horas úteis, interagimos verbalmente com outros desempenhando o nosso papel profissional e, assim, produzimos textos de uma determinada classe; voltando para casa, assumimos outros tipos de papéis – esposos, filhos, amantes – e, de acordo com o papel assumido, produzimos outros tipos de textos.

⁷ <http://www.tribunalconstitucional.pt/tc/crp.html>

O critério de lugar, por sua vez, também pode influenciar a produção verbal do locutor: os textos realizados pelo Presidente português numa situação em que recebe a visita de Estado a Portugal realizada pelo seu homólogo podem manifestar, por exemplo, a ocorrência dos atos de boas-vindas que, provavelmente, não serão realizados pelo Chefe de Estado português durante a sua visita de Estado a um país estrangeiro. Por último, a alínea 4) diz respeito ao critério de finalidade, pois o facto de os textos serem realizados depois das reuniões norteia os objetivos que o locutor pretende atingir (por exemplo, informar o público sobre os resultados das duas reuniões realizadas).

Uma vez definidos os critérios para a seleção de material linguístico, procedeu-se à constituição do *corpus*. Foram recolhidos os textos produzidos no período entre 9 de março de 2016 e 19 de março de 2017 pelo atual Presidente da República Portuguesa, Professor Marcelo Rebelo de Sousa, que se encontram disponibilizados em formato de vídeo na página *web* oficial da Presidência da República⁸. Deste modo, o nosso *corpus* reúne nove textos que satisfizeram os critérios acima apresentados. A cada texto foi atribuído um número para, por um lado, facilitar a análise linguística e, por outro, possibilitar uma organização e apresentação coesa dos resultados da investigação.

Como os textos integrados no nosso *corpus* se manifestam em suporte oral, surgiu um problema metodológico relacionado com a sua transcrição ortográfica. De facto, os textos enunciados em suporte oral contêm frequentemente pausas de extensão variável que, tal como Ramilo e Freitas (2002:56) referem, não correspondem ao sistema de pontuação usado na elaboração de um texto escrito. Assim, foi necessário definir um critério para a transcrição ortográfica dos textos em apreço.

Ramilo e Freitas (*ibidem*) afirmam que o emprego da pontuação convencional no processo de transcrição ortográfica depende dos objetivos de um dado estudo. A título de exemplo, no caso de análises prosódicas, o uso da pontuação convencional pode tornar os textos transcritos inutilizáveis.

Assim, foi adotado o seguinte modo de transcrição ortográfica dos quatro textos em apreço:

- conserva-se a pontuação convencional;
- para marcar quebras no nexo discursivo, utiliza-se o seguinte símbolo: [---];
- uma palavra que não se ouve claramente na gravação, mas cuja pronúncia se pode subentender, coloca-se entre parênteses retos.

⁸ <http://www.presidencia.pt>

Este método de transcrição, que conserva a pontuação convencional, afigura-se pertinente porque os textos em análise são monogerados e, portanto, não existe a possibilidade de se manifestarem enunciados simultâneos, isto é, de ocorrerem sobreposições de fala. Além disso, tratando-se de uma situação comunicativa de caráter fortemente formal, parece plausível prever como bastante reduzida a ocorrência de *ideofones*, ou seja, de interjeições ou de “sons que não desempenham um papel funcional na gramática da língua e que não são suscetíveis de receber uma representação ortográfica” (Ramillo e Freitas, 2002:65).

4. Análise do *corpus*

Uma vez constituído o *corpus* linguístico, procedemos à análise dos textos recolhidos começando pela explicitação da componente enunciativa de Adam (2001). Como se observa nos exemplos abaixo apresentados, o Presidente da República Portuguesa dirige os seus enunciados aos seus homólogos: ao Presidente cabo-verdiano (2), e ao Presidente da República Helénica (3):

- (2) Texto 4: *É bom ter Vossa Excelência, o Senhor Presidente, connosco nessa hora festiva.*
- (3) Texto 8: *Senhor Presidente da República Helénica, Excelência e querido amigo também,*

Todavia, os homólogos do Chefe do Estado Português não são os únicos alocutários da situação comunicativa em que foram realizados os textos em apreço: eles foram produzidos em contexto de conferência de imprensa e, posteriormente, disponibilizados, através da sua divulgação na televisão e na internet, a um público mais vasto. Significa isto que todos os cidadãos da República Portuguesa que têm interesse pela área da política e que, por exemplo, visualizam habitualmente os vídeos disponibilizados na página oficial da Presidência da República são interlocutores da situação comunicativa em que o Presidente de Portugal presta declarações aos jornalistas. Segundo a mesma lógica, os cidadãos do país cujo presidente efetua a visita de Estado à República Portuguesa podem também ser considerados participantes nesta situação comunicativa. Verifica-se, portanto, a especificidade do evento comunicativo em que se produzem os textos reunidos no nosso *corpus*: embora formalmente dirigida ao seu homólogo, a declaração do Presidente visa apresentar à audiência mais ampla, composta tanto pelos cidadãos portugueses como pelos cidadãos estrangeiros, os motivos e os resultados das reuniões entre dois presidentes.

À luz da reflexão acima exposta, a análise da componente pragmática parece ser complexa, pois os objetivos inerentes aos textos reunidos no *corpus* divergem de acordo com a identificação do alocutário: dirigindo-se, simultaneamente, aos seus homólogos e à audiência mais ampla que assiste às conferências de imprensa, o locutor, simultaneamente, pretende atingir diferentes objetivos. É pertinente, neste momento, recorrer à metáfora do teatro que Maingueneau (1998: 55-56) utiliza para caracterizar géneros discursivos modificando-a, todavia, para ilustrar a afirmação anterior. Pode estabelecer-se uma analogia entre a conferência de imprensa dada por dois presidentes e a produção de *Hamlet* num teatro: a audiência espera ver no palco o príncipe dinamarquês e não outros papéis que um ator assume ao longo do dia enquanto indivíduo (cliente num bar, pai, etc.); por conseguinte, esse ator deve esforçar-se para manter o papel que representa no palco e apresentar ao público todas as qualidades e defeitos da personagem Hamlet. Do mesmo modo, o Chefe de Estado deve, no decorrer da conferência de imprensa, assumir completamente todos as competências relacionadas com o seu estatuto profissional e atuar, perante a audiência, como o presidente dos cidadãos de um país e não, por exemplo, como um paciente no consultório. Ao mesmo tempo, representando o papel de Hamlet, o ator interage com os seus colegas para dar continuação à peça que se desenrola no palco. À semelhança deste, o presidente deve interagir com o seu homólogo para poder levar a bom termo o evento comunicativo que tem lugar na conferência de imprensa.

Portanto, quanto à componente pragmática, atesta-se que o objetivo principal que o locutor pretende atingir dirigindo-se aos seus homólogos é o reforço das relações entre dois países em diversos planos, como se pode verificar nos exemplos abaixo apresentados:

(4) Texto 2: *Mas esperamos, de forma muito, muito particular, que esta visita de Estado possa representar um salto qualitativo nas relações bilaterais entre os dois países.*

Texto 5: *Temos muitos laços em comum no quadro da União Europeia, como temos no quadro da Aliança Atlântica e Portugal segue com muito interesse a próxima realização em julho da Jornada Mundial da Juventude, a que irá o Papa Francisco, bem como a Cimeira da Aliança Atlântica.*

Texto 8: *É visível a unidade de pontos de vista entre os nossos dois países e os nossos dois povos não apenas nas relações bilaterais, as que existem e que se vão desenvolver, mas no quadro da Europa e do mundo.*

No que diz respeito às finalidades relacionadas com os espetadores que assistam às conferências de imprensa, é plausível afirmar que o locutor procura comprovar aos cidadãos portugueses o seu empenho de proteger e de não prejudicar o bem-estar de Portugal e dos portugueses. No exemplo (5), extraído do nosso *corpus*, repara-se como o locutor destaca o avanço económico de Portugal, isto é, realiza um autoelogio sem prejudicar a relação de consenso com o seu homólogo:

(5) Texto 9: *Temos estado noutros países do mundo ibero-americano em termos económicos e temos crescido muito em 10 anos, pois vamos crescer muito na complementaridade com o Paraguai.*

Como já foi mencionado, os textos analisados neste trabalho manifestam-se na oralidade. Por conseguinte, para explicitar o modo de estruturação dos textos, foi necessário conjugar duas opções metodológicas: a primeira diz respeito à definição dos atos de fala realizados pelo locutor, enquanto a segunda se relaciona com a identificação do tema-tópico dos fragmentos textuais.

Assim, nota-se uma organização dos conteúdos presentes nos textos analisados em três sequências. Na primeira sequência, em todos os textos em apreço, manifesta-se a ocorrência de atos expressivos. No exemplo (6), o locutor realiza um ato expressivo com valor ilocutório de boas-vindas:

(6) Texto 3: *Eu queria, antes do mais, dizer da honra e do prazer de receber, em visita de Estado, o Senhor Presidente da República Checa, Miloš Zeman, depois de 12 anos sem uma visita de Estado de um Presidente checo a Portugal.*

Não raro, o locutor realiza uma sequência de atos expressivos. Assim, tanto no fragmento (7) como no (8), pode atestar-se a ocorrência de dois atos expressivos, o primeiro com valor ilocutório de saudação e o segundo com valor ilocutório de boas-vindas:

(7) Texto 5: *Eu queria saudar o Senhor Presidente de um país amigo como é a Polónia e dizer do prazer com que o recebemos em Portugal.*

(8) Texto 7: *Eu queria, em primeiro lugar, saudar o Senhor Presidente, El Sisi, e dizer-lhe da alegria que temos por voltarmos a receber o Presidente egípcio um quarto de século mais tarde.*

A segunda sequência, a mais extensa, é caracterizada pela apresentação dos objetivos e da temática da reunião previamente efetuada por dois Chefes de Estado. Assim, no exemplo abaixo apresentado, reconhecem-se

os tópicos abordados na reunião entre os dois presidentes (9):

(9) Texto 7: *Em terceiro lugar, queria sublinhar que, nas trocas de impressões que tivemos, tratámos abertamente da questão do desafio que se coloca hoje a todas as sociedades em termos de equilíbrio financeiro, de desenvolvimento económico, de justiça social e de direitos humanos.*

Nesta sequência central, ocorrem frequentemente comentários avaliativos relativos as relações entre dois países, como se pode verificar nos fragmentos que de seguida apresentamos:

(10) Texto 1: *As relações entre Portugal e o Chile, Chile e Portugal, são magníficas.*

(11) Texto 5: *Há relações históricas, culturais e, hoje, económicas muito fortes entre Portugal e a Polónia.*

(12) Texto 8: *E depois dizer, como Presidente da República Portuguesa, da honra de ter aqui o Presidente de um país amigo com o qual temos relações fraternais.*

A terceira sequência representa o fecho da intervenção do locutor. Nesta sequência o locutor geralmente realiza atos expressivos com valores ilocutórios diferentes: ora de boas-vindas, como se verifica no segmento (13), ora de agradecimento, precedido por atos assertivos, tal como é atestável no fragmento (14):

(13) Texto 1: *Por isso, seja bem-vinda a este país, que também é seu, nesta cidade antiga e lindíssima de Évora, que também é sua.*

(14) Texto 6: *Isto para dizer, Senhor Presidente, que aquilo que nos aproxima é tão forte, tão intenso, e têm-lo aqui entre nós é um motivo de júbilo e de gratidão que eu queria exprimir em nome do povo português.*

A análise da componente estilístico-fraseológica, por sua vez, atesta que os textos em apreço se caracterizam por um grau elevado de formalidade. É frequente, por exemplo, o uso das formas de tratamento honorífico – dirigindo-se aos seus homólogos, o Presidente da República Portuguesa emprega as formas 'Vossa Exceléncia', 'Senhor Presidente'.

Além disso, ao realizar um ato expressivo, não raro, o locutor recorre ao emprego de estratégias de cortesia linguística. Veja-se o seguinte exemplo:

(15) Texto 2: *E, nesse sentido, é com alegria que nós recebemos Vossa Exceléncia e a delegação que o acompanha.*

O locutor usa a fórmula expressiva ‘é com alegria que’ para introduzir o verbo ‘receber’ flexionado na primeira pessoa do plural do Presente do Indicativo para realizar um ato de boas-vindas.

Nota-se, também, no enunciado (15) uma estratégia frequentemente usada nos textos produzidos no âmbito de um encontro diplomático: o emprego de *nós de modéstia*, ou, na linha de Cunha e Cintra (2005:285-286), o uso de *plural de modéstia*. Flexionando o verbo *receber* na primeira pessoa do plural, o locutor assume o papel de representante do sentimento coletivo e, assim, intensifica o caráter cortês do ato de boas-vindas.

Por outro lado, é visível, nos textos em análise, uma preferência quanto à seleção lexical. O locutor recorre frequentemente ao emprego de nomes como ‘amizade’ e ‘fraternidade’ ou dos sintagmas “país amigo”, “relacionamento amigo”, ou “país irmão”. Observem-se os seguintes fragmentos textuais:

- (16) Texto 2: *É para Portugal uma honra e um prazer recebê-lo, lembrando uma relação diplomática e de amizade de 135 anos. Aí começou, não apenas o relacionamento entre dois estados, mas também a amizade entre dois povos, que continuou até hoje.*
- (17) Texto 9: *Com a presença de Portugal no Paraguai e com a presença desse país irmão na economia portuguesa (...)*

Ao definir a amizade como o elo que liga os dois países, o locutor pretende reforçar a importância da colaboração no cumprimento dos objetivos comumente partilhados.

Importa salientar aqui que a análise estilístico-fraseológica permite observar como o locutor constrói relações interpessoais, isto é, relações no eixo vertical, horizontal e no eixo da relação conflito vs. consenso (Kerbratt-Orecchioni 1992: 35-36). Tomemos como exemplo o texto proferido por ocasião da visita de Estado efetuada pelo Presidente da República Checa:

- (18) Texto 3: *Por outro lado, pertencemos ambos à União Europeia (e Portugal defendeu sempre a importância da integração da República Checa nas comunidades europeias de então), pertencemos à Aliança Atlântica e temos a alegria de ver, desde a Cimeira de Brasília, a República Checa como membro observador permanente na Comunidade de Países de Língua Portuguesa.*

Repare-se que o enunciado “Portugal defendeu sempre a importância da integração da República Checa nas comunidades europeias de então” permite duas leituras. Por um lado, pode interpretar-se este enunciado como a tentativa de estabelecer ou fortalecer uma relação de consenso, bem como de cons-

truir uma relação de proximidade com o seu interlocutor. Por outro lado, tanto o destaque do papel de Portugal na adesão da República Checa à EU como a leitura possível de que Portugal é um membro mais “experiente” da EU, sendo a República Checa um país “devedor” pois beneficiou da ajuda de Portugal para a entrada na EU, podem assumir-se como fatores de um certo desequilíbrio no eixo vertical, isto é, na relação de poder.

Veja-se, todavia, o seguinte exemplo extraído do mesmo texto:

(19) Texto 3: *E, por isso mesmo, Senhor Presidente, eu agradeço o ter aceite o meu convite para vir a Lisboa.*

Se, na parte central do texto, a relação de poder foi desequilibrada, o equilíbrio é, então, reinstituído pela formulação do ato de agradecimento. Conforme Kerbrat-Orecchioni (2005: 84), os agradecimentos demarcam a posição hierárquica inferior: agradecendo ao alocutário um favor, o locutor, como o devedor do ato realizado por parte do alocutário (no exemplo (19) este “favor” é a visita de Estado efetuada pelo Presidente da República Checa), assume uma posição inferior. De facto, parece que a declaração presidencial representa um exemplo da incessante negociação das relações de poder ou de consenso.

Quanto à componente material, os textos em análise foram produzidos em suporte oral numa situação de comunicação presencial e, posteriormente, divulgados na televisão e na internet. A extensão dos textos varia, tendo o texto mais curto uma duração de 1 minuto e 36 segundos e o mais extenso uma duração de 5 minutos e 21 segundos.

Dado que se trata de um *corpus* de textos orais, nas intervenções do Presidente da República Portuguesa não se manifestam elementos que pudesse integrar a componente peritextual.

5. Discussão dos resultados da análise

Resumindo a nossa análise, nota-se que os textos em apreço emergem num contexto situacional muito específico, de tal maneira programado que determina, desde logo, o momento em que se enuncia o texto: é só após duas reuniões, a primeira entre os dois presidentes e a segunda alargada às respetivas delegações, que os dois presidentes, em conferência de imprensa, podem prestar as suas declarações públicas oficiais.

Adicionalmente, este fator situacional determina a ordem da enunciação, isto é, primeiro o anfitrião, ou seja, o presidente que recebe a visita de Estado (no caso dos textos analisados, o Presidente da República Portuguesa) profere o seu texto e, de seguida, o presidente que efetua a visita de Es-

tado. O contexto situacional define ainda o tema abordado no texto: apresentam-se apenas as temáticas que motivaram a realização do encontro.

Todos os textos analisados manifestam uma estrutura composicional tripartida: numa sequência inicial o locutor realiza os atos expressivos, preferencialmente com valor ilocutório de saudação ou de boas-vindas. Na sequência central o locutor apresenta as temáticas abordadas nas reuniões previamente efetuadas e realiza comentários avaliativos acerca das relações existentes entre dois países. A sequência final é caracterizada pela realização predominante de atos expressivos.

No que diz respeito à componente estilístico-fraseológica, os textos analisados atestam o emprego de estratégias de delicadeza linguística com o fim de construir e manter uma relação de consenso e de reduzir a distância na relação no eixo horizontal com os seus interlocutores. Quanto à componente material, todos os textos se manifestam em suporte oral e têm uma duração entre um minuto e trinta e seis segundos e cinco minutos e vinte e um segundos.

Embora o nosso *corpus* reúna um número reduzido de textos, os resultados da análise apontam para uma regularidade nas propriedades atestadas no material linguístico recolhido. Aliás, trata-se de textos orais de duração curta que emergem num momento claramente definido e numa situação comunicativa em que participam interlocutores com um determinado estatuto socioprofissional. Adicionalmente, todos estes textos manifestam uma estrutura composicional fixa e a sua produção está profundamente condicionada pelos fatores situacionais. Por conseguinte, parece-nos pertinente proceder à identificação da classe genérica em que se podem situar os textos analisados. No entanto, é necessário admitir que as propriedades textuais atestadas no nosso *corpus* partilham algumas semelhanças com outros produtos verbais que um presidente português realiza ao longo do exercício da sua atividade profissional.

À luz de tudo acima exposto, propomos situar os textos aqui analisados no género *declaração presidencial*, mais precisamente, no subgénero *declaração presidencial dada aos jornalistas após reunião com homólogo*. Todavia, para confirmar e validar a nossa proposta, é preciso realizar uma investigação futura que integre um maior número de textos produzidos por diferentes locutores em diversas línguas.

5. Considerações finais

Voltando a um dos objetivos apresentados na introdução ao presente texto, importa, agora, responder à pergunta: como pode uma análise das

propriedades de um género discursivo específico facilitar ao intérprete a preparação para o exercício da interpretação simultânea ou consecutiva?

A vertente prática relaciona-se com as componentes composicional e estilístico-fraseológica dos géneros textuais. O subgénero discursivo identificado na secção anterior caracteriza-se por uma estrutura tripartida: a sequência de abertura, a sequência central e a sequência de fecho. Na primeira e na terceira sequências ocorrem, preferencialmente, os atos expressivos enquanto a parte central integra uma exposição do objetivo da visita de Estado e dos resultados das reuniões previamente realizadas. Assim, conhecendo esta característica do subgénero *declaração presidencial dada aos jornalistas após reunião com homólogo*, o intérprete pode antecipar, pelo menos, os atos discursivos a serem realizados, bem como o modo da sua formulação.

Sublinha-se a importância de uma metodologia clara na recolha do material linguístico. A proposta de definição dos critérios para a seleção do material linguístico, baseada no trabalho de Maingueneau (1998), que apresentámos na terceira secção do presente estudo também tem uma vertente prática. Como já afirmamos, quando o cliente não proporciona os materiais necessários para a preparação da interpretação, o intérprete deve recorrer a outras fontes. Frequentemente, o exercício mais adequado é uma pesquisa de diversos tipos de textos na internet. Todavia, esse espaço virtual é ilimitado e o intérprete corre o risco de se perder dentro da leitura e da análise de uma vasta multiplicidade de textos. Portanto, a observação de critérios claros para a seleção do material linguístico, definidos com base nas investigações realizadas na área científica da Linguística, de facto, facilitam e tornam mais eficiente o processo de preparação para a interpretação.

Por último, os géneros regulam a produção dos enunciados e as práticas sociodiscursivas do sujeito falante (Adam 2001: 38). O conhecimento explícito de diferentes géneros discursivos, bem como a capacidade de identificar um dado género discursivo através da análise textual representam uma ferramenta útil para o intérprete e tradutor. Se, de acordo com Vinay e Darbelnet (1995: 8), a tradução pode ser usada nas investigações linguísticas, o presente artigo apresenta uma proposta no sentido inverso, apontando caminhos para uma utilização produtiva da investigação linguística para efeitos de tradução.

Referências bibliográficas:

- Adam, Jean-Michel (2001). En finir avec les types de textes, Analyse des discours. Types et genres: communication et interprétation [ed. Michel Ballabriga], Toulouse : Editions universitaires du Sud, pp. 40-41.
- Adam, Jean-Michel (2008). A linguística textual. Introdução à análise textual dos discursos, São Paulo: Cortez Editora.
- Cunha, Celso / Cintra, Luís F. Lindley (1995). Nova Gramática do Português Contemporâneo, Lisboa: Edições João Sá da Costa [1.ª edição 1984].
- De Beaugrande, Robert-Alain / Dressler Wolfgang (1981). Introduction to text linguistics, London; New York: Longman.
- Duarte, Inês (2003). Aspectos linguísticos da organização textual, [eds. Mateus et alii], *Gramática da Língua Portuguesa*. Edição revista e aumentada, Lisboa: Caminho, pp. 86-123.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (1992). Les interactions verbales, Tome II, Paris: Armand Colin.
- Kerbrat-Orecchioni, Catherine (2005). Os atos de linguagem no discurso - Teoria e funcionamento, Niterói: EDUFF
- Lopes, Ana Cristina Macário / Caraphinha, Conceição (2013). Texto, coesão e coerência, Coimbra: Almedina/CELGA.
- Maingueneau, Dominique (1998.) Analyser les textes de communication, Paris: Dunod.
- Ramilo, Maria Celeste / Freitas Tiago (2002). Transcrição ortográfica de textos orais: problemas e perspectivas, Actas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto. Porto: CLUP, pp. 55-67.
- Silva, Paulo Nunes da (2012). Tipologias textuais. Como classificar textos e sequências, Coimbra: Livraria Almedina/CELGA
- Silva, Paulo Nunes da (2015). Alguns contributos da linguística para a classificação dos textos literários, Atas do 11.º Encontro Nacional da Associação de Professores de Português, Lisboa: Associação de Professores de Português, pp. 1-29.
- Vinay, Jean-Paul / Darbelnet, Jean (1995). Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

Fontes eletrónicas:

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE INTÉPRETES DE CONFERÊNCIA.

Disponível no seguinte endereço eletrónico: <http://www.apic.org.pt/>, consultado no dia 14 de julho de 2017.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA. Disponível no seguinte endereço eletrónico: <http://www.tribunalconstitucional.pt/tc/crp.html>, consultado no dia 14 de julho de 2017.

HRVATSKO DRUŠTVO KONFERENCIJSKIH PREVODITELJA. Disponível no seguinte endereço eletrónico: <https://www.hdkp.hr/hr/>, consultado no dia 14 de julho de 2017.

PRESIDENCIA DA REPÚBLICA PORTUGUESA. Disponível no seguinte endereço eletrónico: www.presidencia.pt, consultado no dia 14 de julho de 2017.

Tako nam diskursni žanr pomogao: promišljanja o klasifikaciji teksta

Cilj ovog rada je prikazati kako se eksplicitno poznavanje teorijsko-metodoloških postavki tekstne lingvistike može primijeniti u analizi jezičnog korpusa te kako tekstna analiza pridonosi uspješnoj pripremi konferencijskog prevoditelja. Stoga se u prvom dijelu rada problematizira pitanje klasifikacije tekstova te se, na temelju teorijskog modela Maingueneaua (1998) definiraju kriteriji sastavljanja jezičnog korpusa. U središnjem dijelu rada, primjenjujući Adamov (2001) teorijski okvir, pristupa se tekstnoj analizi korpusa sastavljenog od izjava za tisak aktualnog predsjednika Portugalske Republike kako bi se utvrdila specifična obilježja koja omogućuju svrstavanje tekstova u određeni diskursni žanr. U završnom dijelu rada se preispituje povezanost tekstne analize i procesa pripreme za obavljanje konferencijskog prevođenja.

Ključne riječi: tekst, tekstna analiza, klasifikacija teksta, diskursni tip, diskursni žanr

